

# *Paradigma indiciário e o campo do jornalismo: possíveis aproximações*

Gabriela Zorzal<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo abordar o método indiciário desenvolvendo uma relação com a atuação do profissional do jornalismo, em especial no momento da apuração e construção de matérias e reportagens. Também fazemos uma reflexão sobre a utilização do método como ferramenta metodológica para pesquisa da área, sobretudo as que tratam da história da imprensa.

**Palavras-chave:** indício; jornalismo; metodologia; comunicação.

**Abstract:** This paper aims to address the evidentiary method by developing a relationship with the professional practice of journalism, especially at the time of investigation and construction journalistic matters and reports. We also do a reflection on the use of the method as a methodological tool for research in the area, especially those that address the history of the press.

**Keywords:** evidence, journalism, methodology, communication.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo abordar el método de prueba mediante el desarrollo de una relación con el ejercicio profesional del periodismo, sobre todo en el momento de los materiales y memorias de cálculo y construcción. También hacemos una reflexión sobre el uso del método como herramienta metodológica para la investigación en el área, especialmente los que se ocupan de la historia de la prensa.

**Palabra clave:** pista; periodismo; metodología; comunicación.

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo. Pós-graduada em Comunicação Integrada e Novas Mídias pela Universidade de Vila Velha. Mestranda do programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: [gabriela\\_zorzal@hotmail.com](mailto:gabriela_zorzal@hotmail.com)

## Paradigma indiciário

O estudo de indícios, sinais e vestígios funciona como princípio e procedimento para o chamado paradigma indiciário, método heurístico centrado no detalhe. Tal método tem como referência principal o historiador Carlos Ginzburg, que busca uma postura metodológica para o processo indiciário, caracterizado por ser pluridisciplinar e interdisciplinar, além de exigir do pesquisador uma observação criativa, sem deixar de lado o rigor.

Antes de iniciar nossa reflexão, é salutar esclarecer alguns termos. O indiciarismo é interpretado, por Coelho (2007), como uma orientação de pesquisa cuja sustentação está na busca e análise dos detalhes. Já o método indiciário pode ser definido como o uso do indiciarismo enquanto ferramenta para pesquisa. Por último, podemos considerar o paradigma indiciário como “um conjunto de princípios e procedimentos teórico-metodológicos que orientam a elaboração do conhecimento a partir da investigação e análise dos indícios” (Coelho, 2007, p.2).

O fundamento de tudo isso está na investigação por meio de pistas, sinais e indícios. Como explica Coelho (2007), os estudos de Carlo Ginzburg apontam que os caçadores-coletores do período Neolítico teriam sido os primeiros a contar uma história porque observavam pistas na natureza para sua própria sobrevivência. A caça é, portanto, uma investigação minuciosa, mas isso não significa que o método era utilizado somente na caça. Ele também estava presente em outras atividades humanas.

A importância atribuída à caça não advoga a supremacia desta atividade na evolução da humanidade, mas pretende tão somente identificar e interpretar a investigação humana da realidade baseada em indícios. O uso do método indiciário não estava restrito as atividades ligadas à caça. A investigação indiciária estava presente em todas as atividades humanas que dependiam estritamente da análise dos detalhes. Atividades relacionadas à

alimentação, proteção, invenção, religião, guerras, entre outras (COELHO, 2007, p.6).

Igual atenção é preciso dar ao processo de transmissão da informação, que era feito por meio de representações materiais ou da tradição oral. Rodrigues (2005) explica que Ginzburg persegue em suas obras a hipótese de que os caçadores teriam sido os primeiros a contar uma história, cujo objetivo era transmitir um evento para outros, já que nem todos poderiam testemunhar tal acontecimento. Diante disso, os caçadores ordenavam os fatos em uma sequência. Este seria um saber venatório, que “consiste em passar de fatos aparentemente insignificantes (pistas, indícios) para a realidade complexa, não observável diretamente” (Rodrigues, 2005, p.2).

Em paralelo a esse saber venatório há o divinatório, que tem relação com a adivinhação e seus processos. Esse saber – narrativa de adivinhação – teria maior relação com o futuro, enquanto o saber venatório – narrativa dos caçadores – está relacionado ao passado. O exame detalhista de aspectos está tanto no paradigma divinatório quanto no venatório. Isso porque, apesar de a adivinhação ter sido vista por muito tempo como algo mágico, ela também está ligada a construção de uma sequência narrativa a partir de indícios. Dessa maneira, esses dois paradigmas estão articulados e demonstram que o indiciário segue diferentes formatos ao longo da história.

Rodrigues (2005) salienta que o paradigma indiciário de Ginzburg se opõe ao positivismo, na medida em que é contrário a um saber baseado na rígida comprovação científica. Como consequência, se faz necessário pensar outros limites e possibilidades do chamado rigor científico, sem deixar de lado a importância da lógica e da observação criteriosa.

Partindo de uma crítica severa ao paradigma positivista e fisicomatemático, baseado na física galileana e inscrito na oposição

Racionalismo versus Irracionalismo. Ginzburg discute e analisa o paradigma indiciário, não teorizado, apesar de amplamente operante até o final do século XIX, contrapondo-o ao modelo positivista vitorioso no século XX. Nesse sentido procura mapear sua origem e demonstrar sua utilização nas diferentes áreas do saber (RODRIGUES, 2005, p.4).

A reflexão em torno do saber indiciário gera algumas questões sobre uma possível fragilidade nos resultados. Afinal, podemos dizer que menor rigidez científica gera resultados menos verdadeiros? Ginzburg propõe, então, um “rigor flexível, sensível aos sons, sabores e odores, onde rigor, sensibilidade, intuição e técnica se combinam para chegar à verdade provável” (Rodrigues, 2005, p.5). É o indício, portanto, que dá ao fenômeno a sua coerência. Tais indícios não são imponderáveis ou formais, por isso a necessidade de um rigor flexível, capaz de deixar que a intuição do pesquisador se aflore.

O paradigma indiciário depende, dessa maneira, de uma delicada relação entre razão e sensibilidade. A busca pela neutralidade do pesquisador já não está mais do centro das atenções. Este paradigma “valoriza a aproximação emocional do pesquisador com o seu objeto, os traços e o conhecimento individuais em detrimento da generalização” (Rodrigues, 2005, p.6).

Ao desenvolver o método indiciário, Ginzburg tomou como base os estudos realizados pelo médico e especialista em arte Giovanni Morelli. O objetivo de Morelli era identificar falsificações de pinturas famosas. Para isso, desenvolveu um estudo muito peculiar sobre os pormenores que costumavam ser até mesmo negligenciados, tais como lóbulos de orelhas, unhas das mãos e dos pés e formato dos dedos, por exemplo. Coelho (2014) explica que esses pormenores tomavam nova dimensão, sendo reveladores enquanto indícios e pistas. Assim, seu método partia de dados que eram considerados marginais, secundários.

Assim, uma importante relação que deve ser levada em conta é a estabelecida entre indiciarismo e micro-análise. A micro-análise está baseada na redução da escala de observação por parte do pesquisador. A tentativa não é transformar os elementos individuais em conhecimento generalizado, mas destacar particularidades. Nas palavras de Ginzburg (2007):

Reduzir a escala de observação queria dizer transformar num livro aquilo que, para outro estudioso, poderia ter sido uma simples nota de rodapé numa hipotética monografia sobre a Reforma protestante no Friul. (...) Pouco a pouco me dei conta de que uma grande quantidade de acontecimentos e conexões que eu ignorava totalmente contribuiu para orientar as decisões que eu imaginara tomar automaticamente: um fato em si banal, mas sempre surpreendente, porque contradiz as nossas fantasias narcísicas (GINZBURG, 2007, p.264).

Relacionar o modelo de investigação indiciária com diferentes áreas da ciência é um dos esforços de Ginzburg. Para começar, os indícios ocuparam um lugar de grande importância na medicina, especialmente na investigação de sintomas. O saber médico também procura indícios. Talvez isso seja mais claro nas medicinas mais alternativas ou ainda na medicina antiga, quando não se tinha a tecnologia – e dependência – dos exames para o diagnóstico. Sobre o assunto, Coelho (2007) utiliza o caso de um célebre médico italiano para exemplificar a importância dos indícios na medicina:

O italiano Giulio Mancini (1558-1630), médico-mor de Urbano VIII (início do século XVII), foi contemporâneo de Galileu. Arriscava seus diagnósticos cheirando fezes, pondo o ouvido em peitos estertorantes ou provando urinas (procedimentos praticados pelos médicos de sua época). Mancini foi considerado um médico brilhante, pois seus diagnósticos fulminantes permitiam a imediata constatação do fim que a doença viria a ter. Possuía a capacidade

de observação dos sintomas ínfimos, e demonstrava igual habilidade na articulação dos fatos, a ponto de inferir, com rapidez, as causas da doença a partir dos seus efeitos (COELHO, 2007, p.14).

Tal exemplo demonstra não só a importância dos indícios, mas a consolidação deles como uma possibilidade de modelo científico. Além disso, inúmeros exemplos podem ser encontrados também no estudo psicanalítico, nas teorias de Freud, visto que, para a psicanálise crítica, os pormenores têm muita importância.

Além desses exemplos, podemos citar também a literatura policial que, de acordo com Coelho (2007), tornou o método indiciário conhecido popularmente. "Autores consagrados como Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle e Agatha Christie escreveram inúmeros contos demonstrando a eficácia do indiciário na investigação detetivesca" (Coelho, 2007, p.17).

Essas narrativas são caracterizadas pelo olhar apurado do detetive/pesquisador. Tal olhar é treinado para observar os detalhes e, deles, extrair a essência do fato ou as pistas necessárias para desvendar o mistério. Assim, os indícios se tornam reveladores e essenciais para o desenrolar de toda a narrativa.

O ofício do historiador também possui estreita relação com o indiciário. Coelho (2014) explica que o trabalho do historiador exige exercício crítico permanente e uma análise dos pormenores que atravessam a experiência humana para compreender comportamentos sociais e interpretar determinados contextos. Tais indícios devem ser observados na condição de sintomas que se repetem na história.

A partir de tais exemplos (medicina, literatura policial e história), nosso esforço é fazer uma aproximação entre o método indiciário e o campo da comunicação, mais especificamente o trabalho do jornalista. Além disso,

vamos refletir também sobre possíveis reflexos de tal paradigma nas pesquisas dessa área do conhecimento.

### **Método indiciário e o trabalho do jornalista**

Defendemos que o indiciarismo tem muito a acrescentar ao trabalho do jornalista. Nosso ponto de partida é a relação do jornalismo com a verdade e com o processo de conhecimento. O trabalho do jornalista é seletivo e construtivo. Seu objeto é a realidade, mas ele precisa trabalhar com a informação para passá-la ao leitor.

A relação do jornalismo com a verdade é muito peculiar. Aprendemos na academia que o jornalista precisa se pautar pelos acontecimentos concretos para passar a informação, sem deturpar fatos ou manipular ideias. Para isso, ele utiliza diversas técnicas e ferramentas como a neutralidade e objetividade. Debate similar já teve como centro de reflexão o próprio papel do pesquisador e seu desempenho frente ao objeto de estudo.

A busca pela neutralidade e objetividade é um verdadeiro pilar da profissão de jornalista. Isso porque, o objetivo do profissional é relatar fatos, mostrar pontos de vistas opostos, apresentar a verdade dos fatos a partir de um processo de investigação, a partir de técnicas de apuração. Para isso, ele precisa ser isento, trabalhar com a informação de maneira a não tomar partido, não deturpar os fatos. O ideal é que o jornalista possa fornecer informações aos seus leitores para que eles possam desenvolver seus próprios pontos de vista e não adotar a opinião de quem escreve.

Já é ideia concreta no jornalismo que tal neutralidade e objetividade são impossíveis de serem alcançadas. Isso acontece porque o profissional é influenciado por suas visões de mundo e vivências, intrínsecas a qualquer ser humano. A própria maneira de construir o texto requer decisões do

profissional que podem influenciar a maneira como o leitor recebe determinada notícia.

O profissional possui uma história de vida, preferências políticas e culturais e experiências anteriores que podem influenciar o modo de ver determinada situação, o modo de relatar um acontecimento. Essa influência, apesar de involuntária, não pode ser descartada.

Além disso, o jornalismo é desempenhado, na maioria das vezes, dentro de grandes empresas de comunicação que estão longe de ser isentas e ter compromisso somente com o leitor. Os grandes veículos de comunicação estão inseridos na lógica do mercado e precisam vender publicidade para continuarem competitivos.

Tudo isso demonstra que o trabalho do jornalista está longe de ser isento e objetivo. Ao apurar informações ele leva consigo uma postura frente ao acontecimento e o seu olhar vai influenciar aquilo que será retratado. Embora esta neutralidade não seja possível, ela precisa ser perseguida constantemente pelo profissional. Tal esforço fará com que o jornalista pondere aquilo que escreve, repense e se aproxime da imparcialidade. Para isso, sem dúvida, é preciso também que ele desenvolva outras habilidades, como um olhar apurado.

Não é a toa que há, na profissão, o jargão "faro jornalístico". O bom profissional acaba desenvolvendo, com o passar do tempo, uma habilidade de observação que está centrada nos detalhes: eis aqui os indícios. Tais indícios podem estar intrínsecos na fonte: sua vestimenta, seu nervosismo, suas feições. Eles também estão no fato: o modo como aconteceu, as pessoas envolvidas, o histórico da região.

É claro que esses detalhes não serão descritos de maneira implícita em uma matéria ou reportagem. Mas eles dão pistas que enriquecem o trabalho do profissional, direcionam sua postura diante do fato ou do entrevistado e, no final das contas, refletem no resultado final.

A produção de quaisquer notícias por si só é parte de um processo investigativo. Certamente que entre os tipos de matérias e gêneros jornalísticos existentes, o grau de investigação também é variável. E é a partir desse processo investigatório que, por dedução lógica com base em pistas e fragmentos de informações aliados a informações obtidas junto a fontes concretas, o profissional de Jornalismo chega a conclusões que a racionalidade dos dados não nos permite visualizar numa primeira análise superficial dos fatos. O jornalista, assim como o historiador, lança mão da razão e da sensibilidade de forma consistente e com todo o rigor exigido seja pelo Jornalismo, seja pela ciência (MOREIRA, 2010, p.4).

O contato do jornalista com sua fonte, especialmente nos momentos de entrevista, é crucial para o trabalho do profissional. Mas ele não pode se limitar a fonte. É preciso apurar o olhar para detalhes importantes, é preciso apurar o “faro jornalístico”.

Assim, o jornalista pode utilizar outros canais, como fontes alternativas e secundárias, além de “confrontar depoimentos, analisar o contexto em que os fatos acontecem e, quase sempre, buscar mais fontes para se chegar a um texto no qual se possa oferecer ao leitor uma oportunidade real de reflexão que venha a formar sua opinião acerca do que foi escrito” (Moreira, 2010, p.6).

No gênero do jornalismo investigativo isso fica ainda mais claro. O jornalismo investigativo se difere do factual por ser um trabalho não só de maior prazo, mas de objetivos diferentes. Embora não tenha tantas diferenças quanto ao formato, tipo de texto ou sua forma de organização, a reportagem investigativa trata de assuntos que tendem a ser mais espinhosos e o processo é motivado por pela busca de uma determinada “verdade” dos fatos.

Esse gênero jornalístico também demanda diferentes estratégias de apuração que podem ser relacionadas com o método indiciário. Um delas é a busca pela utilização de diferentes fontes em variados níveis de aproximação e perspectiva com o tema. Isso significa não prender-se apenas a fonte dita como “oficial”. Dessa forma, o contato com fontes primárias, secundárias, informativas e testemunhais podem enriquecer o trabalho de pesquisa e apuração e apontar para pistas importantes sobre o objeto em questão.

As fontes primárias fornecem ao jornalista as informações essenciais de uma matéria: fatos, versões e número; as fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta jornalística – um roteiro para a produção de uma reportagem – ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais. A fonte informativa é identificada como o testemunho de quem viveu ou presenciou determinado acontecimento e, por isso, o que diz é contaminado pela emotividade. O testemunho mais confiável é o mais imediato, já que o relato testemunhal se apoia na memória. Quanto aos experts, estes são fontes secundárias, que fornecem versões e interpretações de eventos (Sequeira, 2005, p.89).

Podemos fazer um paralelo sobre o uso de fontes diversificadas e a valorização daquelas que não são necessariamente as “oficiais”. O método indiciário também sugere a utilização de diferentes fontes de pesquisa. Da mesma forma, as fontes não estão centradas apenas em entrevistas com pessoas, mas também podem estar em documentos oficiais e não oficiais, as chamadas fontes escritas que “podem ser valiosas em determinados momentos da investigação, pois muitas vezes é difícil para o jornalista investigativo estabelecer contato amistoso de cooperação” (Sequeira, 2005, p.90).

Consideramos, portanto, que além das fontes orais, uma boa documentação bibliográfica pode servir de rica fonte para que o jornalista desenvolva seu trabalho. Legislações sobre o tema, estudos anteriores,

comparativos, imagens e outros registros podem ser importantes para mostrar detalhes e pistas sobre o objeto a ser investigado e reportado.

Infelizmente, essa postura indiciária dentro do jornalismo está cada vez mais difícil de ser posta em prática. Isso porque vivemos na era da informação veloz. O profissional precisa reportar rapidamente o que aconteceu, o que muitas vezes compromete a tentativa de um trabalho mais completo e a busca por fontes diversificadas. Estas fontes acabam ficando a cargo dos profissionais que atuam diretamente com o lado mais investigativo da profissão.

O indiciário e a comunicação também se cruzam quando falamos de possibilidades de pesquisa nessa área. Lene e Selidonha (2012) refletem um pouco sobre esse tema afirmando que o indiciário tem muito a enriquecer a metodologia de pesquisa em Comunicação, sobretudo quando há inter-relação com a História, como é o caso de estudos sobre a história da imprensa.

Nesses casos, salienta os autores, o pesquisador não pode se limitar a alinhar datas e nomes. É preciso seguir as pistas desse passado, especialmente nos rastros deixados no presente. O caminho indiciário contempla, portanto, uma articulação entre indícios e dados marginais, como documentos extraoficiais e fontes secundárias.

Um dos exemplos estudados pelos autores é o livro História Cultural da Imprensa Brasil (2010), da pesquisadora Marialva Barbosa. Nele, a autora faz o exercício de reconstruir histórias de alguns importantes jornais impressos do cenário brasileiro. Alguns deles são mostrados a partir de uma análise minuciosa de matérias publicadas, ou ainda de anotações de leitores anônimos deixadas em periódicos arquivados.

Por meio desse exemplo, Lene e Selidonha (2012) falam das possibilidades do uso do método indiciário como forma de enriquecer a pesquisa na área de comunicação. A formação acadêmica nesta área

tende a ser mais técnica do que teórica, o que acaba resultando na falta de metodologias próprias para o estudo de objetos de pesquisa deste campo. Dessa forma, o método indiciário pode se mostrar uma feliz alternativa de ferramenta metodológica.

## Conclusão

O método indiciário exige que o pesquisador seja um bom observador para que perceba sinais, indícios, sintomas e pistas, conseguindo, assim, desvendar acontecimentos históricos. Como já discutimos, tal método é marcado pela interdisciplinaridade. Exemplos disso estão na medicina, na literatura investigativa, na história e na psicanálise. Diante de todas essas inter-relações nos perguntamos: podemos traçar um ponto de encontro entre o indiciarismo e o jornalismo? Encontramos duas possibilidades: uma relacionada à rotina profissional e outra à pesquisa na área da comunicação.

O chamado “faro jornalístico”, ou seja, o olhar treinado para detectar aquilo que é ou não notícia, é algo desenvolvido ao longo do tempo na profissional. Para isso, é importante que o jornalista seja, também, um excelente observador, sensível aos acontecimentos e a sua própria intuição.

Essa postura é difícil para esse profissional que aprende, desde sua formação acadêmica que deve somar esforços para alcançar a neutralidade. Além disso, o tempo da notícia mudou. A velocidade com que a sociedade da informação avança coloca os meios de comunicação em um lugar de destaque e os faz responsável por mover uma máquina de produção de notícias que precisa ser veloz. Com isso, o profissional da área tem cada vez menos tempo para apurar e noticiar. Na rapidez de publicar, mal sobra tempo para um trabalho mais investigativo, para a busca de fontes alternativas que poderiam dar outra versão dos fatos. Na

rapidez com que as coisas acontecem, o profissional tem menos tempo para deixar sua intuição falar mais alto.

Ainda assim, acreditamos que o indiciário tem muito a enriquecer o campo do jornalismo. A busca por outras perspectivas sobre o fato e o uso de documentos considerados secundários podem ser decisivos para a apuração de um acontecimento. No final das contas, o jornalismo também é – consideradas suas devidas proporções – um pouco história, um pouco pesquisa, um tanto investigação.

Com relação às pesquisas acadêmicas na área, defendemos que tal método pode servir de ferramenta para o pesquisador em campo. Como a área da comunicação carece de metodologia própria, desenvolvida especialmente para suas peculiaridades, o método indiciário pode ser uma ferramenta metodológica alternativa que muito tem a enriquecer as pesquisas da área.

Dito tudo isso, defendemos que a interdisciplinaridade entre o método indiciário e o jornalismo existe, e que este deveria, inclusive, nutrir-se mais daquele para cumprir melhor seu papel social.

## Referências

BARBOSA, Marialva (2010). *História cultural da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad.

COELHO, Claudio M. (2007). *Raízes do paradigma indiciário*. Texto Livre. Publicação do Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Vitória, UFES.

\_\_\_\_\_. (2014). "História e psicanálise: aproximações, diálogos e interfaces". In: *Relatório de Qualificação*. Doutorado em História Social das Relações Políticas. Vitória, UFES.

GINZBURG, Carlo (2007). *O fio e os rastros*. São Paulo: Cia das Letras.

LENE, Hérica; SELIDONHA, Francisca (2012). *Entre comunicação e história: o indiciário como metodologia para pesquisas históricas sobre imprensa*. Revista Em Questão, Porto Alegre.

MOREIRA, Renato H. S. (2010). *Indiciário e história oral: ferramentas metodológicas interdisciplinares entre a história e o jornalismo*. Vitória, Intercom.

RODRIGUES, Márcia B. F. (2005). *Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário*. Dimensões - Revista de História da UFES, Vitória.

SEQUEIRA, C. M. (2005). *Jornalismo investigativo*. São Paulo: Summus Editorial.